

1 – Acadêmica de Letras -
Português/Inglês na
Universidade Estadual do
Oeste do Paraná. Professora
na rede Wizard by Pearson.
Tem experiência na área de
Letras e Linguística, atuando
principalmente nos seguintes
temas: discurso jornalístico e
Marielle Franco.
anacsierpinski@hotmail.com

2 – Docente no curso de
Graduação e de Pós-
Graduação em Letras da
Universidade Estadual do
Oeste do Paraná. Tem
experiência na área de
Linguística, com ênfase em
Análise de Discurso, História
das ideias Linguísticas,
atuando principalmente nos
seguintes temas:
gramatização, arquivos,
Institutos Históricos e
Geográficos, análise do
discurso urbano, redes
sociais, feminismo,
cibermilitância.
dantielli.garcia@unioeste.br

O CASO MARIELLE E O DISCURSO JORNALÍSTICO: DIFERENTES POSIÇÕES EM CONFRONTO

SIERPINSKI, Ana Caroline¹
GARCIA, Dantielli Assumpção²

RESUMO: A morte da vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018, causou intensa repercussão nas mídias digitais, além de uma revolta entre diversos sujeitos, sejam-nos por ela representados nas instâncias políticas, jurídicas, sejam-nos de setores mais progressistas. O descaso perante o crime tornou-se injustificável ao passo das informações disponíveis estarem cada vez mais rápidas. Desse modo, este trabalho, a partir de uma reflexão acerca do discurso jornalístico, pretende analisar algumas manchetes de notícias que circularam no Brasil sobre a morte de Marielle, refletindo acerca das diferentes filiações ideológicas e políticas que esses respectivos veículos midiáticos assumiram ao noticiarem o caso.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de Discurso. Discurso jornalístico. Marielle Franco.

ABSTRACT: The death of Councilwoman Marielle Franco, murdered in March 2018, caused an intense repercussion in digital media, as well as a revolt between various subjects, whether represented by her in political, legal, or more progressive sectors. The neglect of crime has become unjustifiable as the information available becomes faster and faster. Thus, this paper, based on a reflection on journalistic discourse, intends to analyze some news headlines circulating in Brazil about Marielle's death, reflecting on the different ideological and political affiliations that these respective media outlets assumed when reporting the case.

KEY-WORDS: Imagetic speech; Speech analysis; Imaging memory; Graphic design; Typography.

INTRODUÇÃO

Um assassinato brutal no paço urbano e diversas notícias jornalísticas em circulação nas mídias digitais. Esse foi o cenário do dia 14 de março de 2018, data em que a vereadora Marielle Franco foi morta a tiros na cidade do Rio de Janeiro. Rapidamente, esse fato tornou-se notícia nas mídias digitais e, como acontecimento jornalístico, passou a produzir sentidos. De acordo com Dela-Silva (2008, p.15),

A notícia [...] é avaliada de acordo com a novidade que representa, a sua probabilidade de ocorrência, e o interesse que supostamente provocará nos leitores, seja em razão de seu apelo ou da sensibilidade que possa despertar no leitor, em razão da proximidade com que ocorre. (DELA-SILVA, 2008, p. 15-16).

Nesse sentido, a maneira como a morte da vereadora Marielle Franco foi veiculada envolve o sentido de um “acontecimento enquanto referente, com uma existência material no mundo, um acontecimento enquanto um fato que se inscreve na história do dia a dia, que o jornal e os jornalistas se propõem a escrever” (DELA-SILVA, 2011, p. 151), um fato que tem uma representatividade, pois Marielle Franco não era uma mulher comum, mas, como mostramos em Poltronieri et.al. (2018, p. 23), posicionava como representante do legislativo

de modo a desafiar o discurso dominante hegemonicamente estabelecido; foi, era e é a voz que questiona a ordem enrijecida das evidências que condena os pobres a ficarem sempre no lugar do esperado, invisibilizados pela miséria e pelo silêncio. Inscrevia-se em uma região de sentidos que desobedecia, no melhor da rebeldia intelectual e prática, o que o dispositivo ideológico faz(ia) parecer natural: mulher negra e pobre da comunidade deve permanecer como tal.

Não permaneceu e por isso teve a morte como resposta a essa rebeldia que aponta para um país dividido, que é machista, racista, trans/lesbo/homofóbico e que usa da violência como tentativa para silenciar os sujeitos que fazem resistência nos espaços políticos e sociais, que decidem ocupar outros lugares que não os da marginalidade, embora, estejam, em geral, às margens. É em virtude disso, de certo modo, que seu assassinato na cidade maravilhosa vira acontecimento jornalístico e passa a ser noticiado em diferentes espaços.

Diante disso, nosso objetivo neste texto é analisar discursivamente como a mulher negra, incluída na esfera político-social como uma representante do e legitimamente eleita pelo povo, foi dita em diferentes jornais de circulação digital, analisando manchetes que relacionam a vida pública de Marielle com sua vida pessoal e política. Para que esse objetivo seja atingido, nosso texto divide em dois momentos. Inicialmente, retomamos brevemente nossa perspectiva teórica, a saber, a Análise de Discurso. Na continuidade, empreendemos uma análise de algumas manchetes sobre o assassinato da vereadora Marielle Franco.

UM POUCO DE DISCURSO

A Análise de Discurso caracteriza-se filiada a uma concepção pós-estruturalista da linguagem e, por isso, não trabalha o discurso apenas como estrutura e com o sentido delimitado pela linguagem verbal integrada, “mas também como acontecimento, tendo a sua compreensão dependente da consideração do extralinguístico, como as suas condições de produção” (DELA-SILVA, 2008, p. 18).

Mariani (1988) afirma que a linguagem está muito além da transparência e, na Análise de Discurso, “é tida como opaca; longe de ser veículo para a troca de informações, a linguagem é aqui tida como a base para o confronto e a diferença” (MARIANI, 1988, p. 43). Ou seja, não se trata apenas dos sentidos únicos das palavras utilizadas pelo falante da língua, mas sim sobre a própria condição de existência das

palavras, cuja noção de efeitos de sentido o uso da linguagem faz referência.

A Análise de Discurso, apesar de afetada pela Linguística, pelo Marxismo e pela Psicanálise, questiona essas três teorizações. Interroga a Linguística pela historicidade que ela ignora, questiona o Marxismo ao pontuar o simbólico e toma frente à Psicanálise pela maneira como considera a historicidade e trabalha a ideologia, como materialmente relacionada ao inconsciente, sem ser absorvida por ele (ORLANDI, 2002).

Nos estudos discursivos, não ocorre a separação de forma de conteúdo, mas “procura-se compreender a língua não só como uma estrutura, mas sobretudo como acontecimento” (ORLANDI, 2002, p. 19). Isso significa que, apesar da língua possuir sua própria ordem, ela é relativamente autônoma e reintroduz a noção de sujeito e a situação em sua análise.

Ao analisarmos os textos selecionadas dos jornais de âmbito nacional que fizeram circular manchetes relacionadas à morte da vereadora Marielle Franco, é necessário considerar alguns aspectos da materialidade do texto e da construção de dispositivos de interpretação. Orlandi, no texto Análise de Discurso (2006), afirma que, ao reconhecer a materialidade da língua – sua ausência de transparência –, é reconhecida a fundamental construção de dispositivos para se ter acesso a língua, com intuito de trabalhar sua discursividade e sua espessura linguístico-histórica.

Os dispositivos em questão são o dispositivo teórico da interpretação e o dispositivo analítico da interpretação. O dispositivo teórico orienta o analista através do modo como é possível observar o funcionamento discursivo, além de determinar o dispositivo analítico; é constituído pelos conceitos que sustentam a Análise de Discurso, ou seja, por exemplo, a noção de formação discursiva, de formação ideológica, o discurso como efeito de sentidos, o interdiscurso, o efeito metafórico, entre outros. É esse dispositivo que desloca a leitura tradicional para a sintomática, estabelecendo um viés que coloca em

relação o dizer com outros dizeres e com aquilo que ele não é, mas poderia ser (ORLANDI, 2006, p. 26).

O dispositivo analítico, por outro lado, depende da questão do analista, da natureza do material analisado, do objetivo do analista e da região teórica a qual o analista está incluído, como linguística, história, antropologia, literatura, entre outros. Isso significa que o dispositivo analítico é aquele que o analista constrói em cada análise específica, afetado por sua questão de pesquisa.

Relacionando tais dispositivos com as notícias jornalísticas examinadas, o dispositivo teórico da Análise de Discurso, de modo amplo, será de importância singular, pois guiará as nossas pesquisas. Além do mais, o dispositivo analítico, aqui a mobilização dos conceitos formação imaginária, formação discursiva e sujeito, auxilia na compreensão da singularidade do nosso objeto que está em análise.

A formação imaginária, na Análise de Discurso, é compreendida como resultado de processos discursivos anteriores que proporciona um jogo de imagens dos sujeitos entre si, dos sujeitos com seus respectivos lugares ocupados na sociedade e dos discursos. Já a formação discursiva pode ser compreendida como o que pode e deve ser dito “a partir de uma posição dada numa conjuntura dada (...) Portanto, as palavras, proposições, expressões recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidas” (ORLANDI, 2006, p. 17).

O discurso, de acordo com Orlandi (2002, p. 22), “tem sua regularidade, tem seu funcionamento [...] que é possível apreender se não impomos o social e o histórico, o sistema e a realização, o subjetivo ao objetivo, o processo ao produto” (ORLANDI, 2002, p. 22). O discurso detém importantes características para o funcionamento da linguagem, possuindo efeitos de sentido entre interlocutores e constituindo “a materialidade específica da ideologia³” (ORLANDI, 2006, p. 20), cuja relação entre língua e ideologia é a materialidade específica do discurso.

Nos materiais de análise selecionados, os conceitos oriundos da AD fundamentam nossa compreensão acerca da formação imaginária da mulher negra, da periferia, que se coloca à frente do patriarcado

3 - Constituído por Louis Althusser, o conceito de ideologia se relaciona com o conjunto de práticas materiais necessárias à reprodução das relações de produção e que interpela os indivíduos em sujeitos.

para lutar contra o preconceito e o racismo, e colocam em pauta como tal mulher é vista do ponto de vista dos veículos midiáticos após sua morte violenta. Além disso, o jogo entre a paráfrase e a polissemia – entendidas como a repetição do mesmo e o deslocamento e ruptura dos processos de significação, respectivamente –, é promovido nas manchetes que noticiaram a morte de Marielle e possibilita compreender a relação do contexto de condições de produção tanto imediatas quanto mediatas.

No viés do discurso jornalístico, é fundamental pontuar alguns conceitos primordiais para o estudo e a análise dos textos jornalísticos apresentados a seguir. A prática do jornalismo configura o jornal, que é um conjunto de textos em que se destacam as notícias. Silva revela que o jornalismo, ou a escrita jornalística, constitui-se a partir “de uma especificação ou restrição temporal (os temas/assuntos devem ser atuais) e de uma generalização espacial (interessaria tudo o que acontece no mundo)” (SILVA, 2001, p. 152).

A delimitação do objeto jornalismo permite que a prática jornalística constitua ela mesma em uma marca temporal, além de uma espacialidade “difusa”, cuja produção de imagem, para o sujeito leitor, pode ou não ter alcance e reconhecimento esperado. Ainda de acordo com Silva, “a idealização de uma universalidade para o sujeito da mídia é condição de funcionamento do jornalismo enquanto prática histórico-discursiva” (SILVA, 2001, p. 152).

A constituição do sujeito é feita historicamente com o acesso a uma certa visão de mundo, determinada pelos jornais e pela mídia de modo geral, sendo um elemento significativo da Modernidade e do sujeito urbano. Silva aponta um processo de “midiatização” do jornalismo e da produção cultural, “muito embora o imaginário de uma ampliação das possibilidades de comunicação, a prática histórico-discursiva parece remeter a uma determinada ‘restrição’” (SILVA, 2001, p. 153).

Desse modo, o universal discursivo (conjunto potencial de discursos que podem ser objeto de análise) deste artigo são os vários dizeres promovidos pela mídia sobre a morte da vereadora Marielle

Franco. O campo discursivo é constituído pelo discurso jornalístico, baseando-se nos discursos midiáticos compartilhados na internet. O objetivo é explicitar o modo como a mulher negra, incluída na esfera político-social, é caracterizada, analisando manchetes que relacionam a vida pública de Marielle com sua vida pessoal e política.

O recorte dos dados foi feito a partir de buscas e análises iniciais sobre as notícias divulgadas logo após a morte da vereadora e, posteriormente, utilizando critérios que abrangem tanto o cunho político das notícias, presentes nos discursos pelos posicionamentos implícitos, como ao ocultar o nome de Marielle e relevar o posicionamento do jornal perante ao crime.

NOS JORNAIS, O ASSISSANATO DE MARIELLE FRANCO

A discussão em torno da morte de Marielle Franco repercutiu nas mídias online com rapidez além do comum. Sendo assim, o posicionamento que cada jornal aderiu marca-se na forma como as manchetes relacionadas ao crime foram reportadas. Serão analisados discursivamente quatro jornais de circulação nacional e uma manchete de cada: Folha de S. Paulo, El País, Estadão e Huffpost Brasil, que possuem formações discursivas diferentes uns dos outros, afetando o modo como descrevem a notícia do assassinato.

O jornal Folha de S. Paulo, o maior de circulação no Brasil, divulgou a notícia do assassinato como “Vereadora do PSOL é morta a tiros no Rio de Janeiro”. O sujeito, caracterizado como vereadora e não com nome próprio, demonstra a tentativa de ocultar a pessoa que foi morta, ou seja, Marielle, contrapondo com o destaque do partido que a vereadora fazia parte, numa tentativa de justificar sua morte por ser filiada a um partido de esquerda. Ainda, a ocultação da maneira como Marielle morreu mostra-se significativa, pois, ao apontar “morta a tiros”, não está clara a real motivação do crime e abre portas para diversas interpretações.

A manchete que o jornal propaga filia-se a um dizer tendencioso e sensacionalista da empresa que busca, ao destacar somente o cargo político e seu partido, promover a audiência do jornal e do acesso à

notícia pautado na ocultação do sujeito. Ademais, a crueldade da morte noticiada não leva em conta sua vida militante e representativa, apenas justifica que, ao ser de um partido de esquerda, Marielle estivesse, conseqüentemente, mais suscetível à brutalidade que sofreu.

A ocultação do nome de Marielle retoma o conceito de sujeito da AD que, de acordo com Orlandi (2006, p. 18), significa “todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma-sujeito. A forma-sujeito, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais” (ORLANDI, 2006, p. 18). Ainda, “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva que o domina” (ORLANDI, 2006, p. 19).

Ao ocultar o sujeito de sua ação, a Folha de S. Paulo omite a própria história que Marielle e sua representação significaram e ainda significam para muitas mulheres, negros e pobres, que continuam sendo omitidos de diversas maneiras pela ausência de representatividade e espaço de fala na sociedade brasileira.

No site do jornal El País, diário espanhol sediado em Madrid e com escritório em São Paulo, a notícia circula como “Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras”. Nessa manchete, é possível encontrar o caráter mais empático do jornal, ao colocar o nome da vereadora no início da manchete, além de contextualizar brevemente como ocorreu o evento, destacando a vida de militância da vítima.

Ao iniciar com o nome de Marielle, o jornal coloca em destaque o sujeito em si, ou seja, a mulher, ao invés de valorizar seu partido ou ocupação política, comum em jornais de cunho sensacionalista. Além disso, demonstra a culpabilidade da vereadora ao protagonizar um evento com ativistas negras, colocando em risco sua integridade física e moral.

Ainda relacionando o discurso “ativistas negras”, o significante “ativista” produz o sentido de prática efetiva de transformação da realidade do sujeito que a pratica, que, no caso em questão, refere-se

às ativistas negras. A frase no contexto do assassinato de Marielle produz um acontecimento discursivo que corrobora com um dizer que coloca o negro em uma posição de responsável pela violência que sofre. Souza (2003), durante a análise do discurso fundador da afirmação do negro no Brasil, aponta que:

Fatos linguísticos e fatos polêmicos definem, segundo a ótica discursiva, uma estrutura de enunciação. Apreender os sentidos produzidos nesta articulação é abordar o discurso como acontecimento. Sob este aspecto, o discurso deve ser visto como o processo de produção de sentidos provenientes do confronto de forças analisáveis segundo coordenadas históricas de tempo, espaço e posições de poder. (SOUZA, 2003, p. 60).

Na afirmação de “vereadora do PSOL”, o jornal retoma o significado que o Partido Socialismo e Liberdade possui na conjuntura social do país: fundado em 2004, a organização destaca-se na atuação ativa em defesa dos direitos sociais, da educação pública, dos trabalhadores do setor privado e do funcionalismo público, além do enfrentamento à privatização dos serviços públicos e às buscas de melhorias do atendimento no Sistema Único de Saúde (SUS). Não obstante, o PSOL defende direitos das minorias brasileiras, como a comunidade LGBT, os indígenas, negros/as e as mulheres – todos esses representados pela figura pública de Marielle.

No Estadão, jornal que também detém a liderança dos maiores veículos midiáticos do território brasileiro, do mesmo modo que na Folha de São Paulo, ocorre a ocultação do nome da vítima, em “Vereadora assassinada no Rio iniciou militância após morte de amiga”. Porém, com essa manchete, o jornal contextualiza a vida de Marielle, apontando que sua vida de ativista começou após a morte de uma amiga, e seu fim deu-se da mesma forma.

O início da notícia apaga a posição-sujeito que a vítima ocupava no seu contexto de trabalho, ou seja, seu partido político – visto que, em outras manchetes, o foco é justamente o PSOL e suas consequências para a vida de Marielle. Apesar da abordagem inicial

excludente, a manchete busca pautar a representatividade da vereadora e o que sua formação imaginária refletia na vida dos marginalizados pela sociedade conservadora brasileira.

A militância política citada é, de acordo com Seto (2018) no site Politize!, “convencer mais pessoas a apoiar suas propostas e participar de suas ações, para que a maioria da população ajude a tornar suas ideias realidade” (SETO, 2018). Muitas vezes, a militância está relacionada com atitudes de esquerda e acaba significando reflexões e ponderações negativas da imprensa e da mídia. No caso da manchete em questão, a referência de Marielle como militante no meio político busca, de certa forma, contextualizar sua relevância como figura pública e justificar sua morte pelo profundo envolvimento por mudanças sociais e políticas.

Ao mencionar no destaque do texto que a morte de uma amiga da vítima impulsionou o desejo de mudar a realidade das mulheres, o Estadão interliga a morte como motivação para Marielle e, ao mesmo tempo, a única forma de reprimir e impedir que algo realmente novo, concreto e próspero tivesse a chance de ser implementado na vida das minorias representadas por ela.

Já no *HuffPost* Brasil, agregador de blogues norte-americano que veicula no Brasil pelo respectivo site, o jornalista Paulo Roberto Junior, ao publicar “Marielle Franco: não mataram ‘mais uma’, assassinaram milhares”, buscou indicar a diferença que a vereadora causou na vida de muitas pessoas. Não apontando partidos políticos nem notícias que a difamavam, mas mostrando a indignação e a impunidade existentes no caso e o fim da representação que muitos cidadãos encontraram na figura de Marielle.

A manchete refere-se a uma coluna de opinião de um jornalista, ou seja, está além de noticiar o assassinato; porém, são utilizados significantes que projetam a imagem de uma mulher importante na posição que ocupava, cuja representação social de mulheres, negras e lésbicas morreu junto com ela.

O significante mais uma remete ao descaso como as entidades públicas retratam o feminicídio: ao invés de promover atividades que

resultem na valoração da empatia pelas vítimas, tais espaços de fala e representação causam indiferença, sensação de impunidade aos culpados e ignorância na população, que está acostumada com mulheres brutalmente mortas e injustiçadas perante a lei. É somente “mais uma”.

A contraposição entre os verbos matar e assassinar exhibe a violência, o abuso e a casualidade que a morte significa atualmente. A crueldade e covardia do assassinato de Marielle mostra que o Brasil está longe de ser um país de igualdade entre classes sociais, raças e gêneros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar as quatro manchetes veiculadas por diferentes veículos midiáticos, foi possível pontuar a relevância da morte de Marielle Franco no cenário político e social no Brasil por meio de abordagens distintas e que produzem sentidos acerca das posições-sujeitos e formações imaginárias envolvidas nas publicações.

A pesquisa, baseada no discurso jornalístico cibernético veiculado em março de 2018, proporcionou a reflexão dos significados que as notícias sustentavam: a mulher negra, pobre, vereadora e representante de um partido de esquerda submetida aos julgamentos e justificativas de sua morte prematura e cruel. A imprensa brasileira, de fato, auxiliou e continua auxiliando na construção no preconceito e na segregação de classes e gêneros, priorizando o sensacionalismo e a polêmica acima da verdade.

Marielle Franco foi morta, mas sua memória, luta e representatividade estarão sempre vivas e fazem milhares seguirem todos os dias. “Eu sou porque nós somos” (FRANCO, 2016).

REFERENCIAS

DELA-SILVA, S. C. **O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia**. Dissertação de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas: 2008.

_____. Do acontecimento jornalístico ao discursivo: o discurso sobre a televisão no Brasil. In: AZEVEDO, N. P. da S. G. de; FONTE, R. F. de (Orgs.). **Análise do Discurso: mo(vi)mento de interpretações**. Curitiba: CRV, 2011.

JUNIOR, P. R. (2018). Marielle Franco: Não mataram ‘mais uma’, assassinaram milhares. **Huffpost Brasil**. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/paulo-roberto-junior/marielle-franco-nao-mataram-mais-uma-assassinaram-milhares_a_23387070/>. Acesso em fevereiro de 2019.

MARIANI, B. S. C. **Imprensa de 1930 e memória histórica: uma questão para a Análise Do Discurso**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas: 1988.

MARREIRO, F. Marielle Franco, vereadora do PSOL, é assassinada no centro do Rio após evento com ativistas negras. **El País Brasil**. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/15/politica/1521080376_531337.html>. Acesso em fevereiro de 2019.

FRANCO, L., Rangel, S. & VETTORAZZO, L. (2018). Vereadora do PSOL é morta a tiros no centro do Rio. **Folha de S. Paulo**. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/vereadora-do-psol-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.shtml>>. Acesso em fevereiro de 2019.

O Estado de S. Paulo. Vereadora assassinada no Rio iniciou militância após morte de amiga. **Estadão**. Disponível em <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,vereadora-morta-no-rio-iniciou-militancia-apos-morte-de-amiga,70002227833>>. Acesso em 15 fevereiro de 2019.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. Análise de Discurso. In: ____.; LAGAZZI, S. **Introdução às Ciências da Linguagem: discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.

SETO, K. S. Você sabe o que é militância política? **Politize!** Disponível em <<https://www.politize.com.br/militancia-politica-o-que-e/>>. Acesso em 07 mar. 2019.

SILVA, T. D. Mídia e imagem urbana: tecnologia no discurso jornalístico. In: Orlandi, E. P. (Org.), **Cidade atravessada – os sentidos públicos no espaço urbano** (pp. 151–163). Campinas: Pontes, 2001.

SOUZA, P. A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da afirmação do negro no Brasil. In: ORLANDI, E.P. (Org.). **Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional**. Campinas: Pontes, 2003.